

NOTA DOS EDITORES

É com satisfação que a Antropolítica. Revista Contemporânea de Antropologia, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, apresenta seu número 56.2, nesse segundo quadrimestre de 2024.

Nesta edição, publicamos dois Dossiês, dando continuidade a uma iniciativa do Corpo Editorial que visa ampliar e diversificar os temas e instituições, envolvidos no processo de publicação e de edição da Revista.

O primeiro dossiê tem como título **“Juventudes, estéticas e políticas ante os desafios do século XXI”** e foi proposto e organizado pelos professores Frank Marcon, da Universidade Federal de Sergipe, e Otávio Raposo, do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa. A partir de encontros e reflexões prévias entre os proponentes e suas redes de pesquisa envolvendo países da ibero-américa e países africanos de língua portuguesa, em torno do tema “juventudes, estéticas e políticas”, o dossiê reúne seis artigos que, a partir de diversas análises etnográficas, problematizam a tríade juventudes, estéticas e políticas. Nessas discussões, as intervenções estéticas e políticas dos jovens são propostas como “janelas de observação” de mudanças mais amplas e profundas, marcadas pela precarização das relações laborais, pela expansão das tecnologias digitais, pela pandemia do covid-19 entre outras questões contemporâneas.

O segundo dossiê intitula-se **“Atmosferas e antropologia”**. Foi proposto e organizado pelos professores Bruno Reinhardt, da Universidade Federal de Santa Catarina, e Diogo Silva Corrêa, da Universidade de Vila Velha, com o objetivo de reunir artigos que mobilizem o conceito de atmosferas de modo teórico e etnográfico, explorando seu rendimento analítico e sensibilizador em práticas variadas – artísticas, políticas, econômicas, religiosas, científicas, incluindo os seus diversos cruzamentos. Além de apresentação, o dossiê é composto por seis artigos, que, a partir de campos empíricos distintos, buscam operar com o conceito de atmosferas e explorar seus sentidos, como são geradas e incorporadas na modernidade pelo mercado, mídias de massa e política.

Além desses dois debates temáticos, o presente número da Antropolítica traz oito artigos com temática livre, oriundos do fluxo contínuo da revista e um artigo na seção “Trajetórias e Perspectivas”. Por fim, incluímos também a resenha de um livro da área.

A seção de Artigos inicia com o trabalho **Tribunal Popular da Pesca: reciprocidades políticas em situação de crise da atividade pesqueira** escrito e apresentado em coautoria entre Winifred Knox (UFRN), José Gomes Ferreira (UFPB), Delma Pessanha Neves (UFF) e Louyse

Rodrigues da Silva (UFRN). Tomando como eixo a performance do Tribunal Popular da Pesca, ocorrido em 14 de janeiro de 2020, no Rio Grande do Norte, sua organização prévia e posterior, o artigo apresenta a luta por direitos de pescadores artesanais diante do derramamento de óleo no Nordeste, entre agosto de 2019 e janeiro de 2020. A partir desse evento crítico, os autores abordam discussões sobre performance, direitos consuetudinários e direitos da legislação, assim como a ausência de justiça na reparação de violações de direitos adquiridos e retirados.

O artigo seguinte, também em coautoria, de Letícia Nörnberg Maciel (FURG), Flora d'El Rei Lopes Passos (UFOP) e Fabiele Costa (pesquisadora autônoma), intitula-se **Patrimônio cultural em disputa: ações de preservação e resistência nos territórios atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana/MG**. Na mesma linha do artigo anterior, aborda os efeitos e consequências de um desastre ambiental, no caso o rompimento da barragem no município de Mariana (MG) em 2015. A partir de pesquisa junto com as comunidades atingidas e de análise documental, o artigo apresenta as ações desenvolvidas no campo da preservação patrimonial e as formas de reapropriação dos territórios atingidos enquanto lugares de memórias das vítimas do desastre, a partir das práticas socioculturais e movimentos de resistência das comunidades afetadas.

Em seguida, o artigo **Entre porcos e homens: etnografia da “tranca” em um manicômio judiciário**, de Túlio Maia Franco (UFRJ), analisa a forma como o cuidado e o poder se articulam no tratamento compulsório de um hospital de custódia e tratamento psiquiátrico, no Rio de Janeiro. Especificamente, o artigo descreve e analisa o chamado “porquinho”, ou “tranca”, espaço reservado aos indisciplinados pacientes que resistem a se engajar no tratamento fármaco-centrado, e as dimensões políticas e afetivas dessa figura a partir do imaginário dos pacientes e funcionários envolvidos com a medida de segurança.

Em uma outra ordem de discussões, o artigo **O catálogo *A África na vida e na cultura do Brasil*: confluências entre os estudos de folclore e os estudos étnico-raciais**, de Ana Teles Silva, do Museu Nacional de Belas Artes, apresenta o catálogo encomendado e produzido pelo antropólogo e estudioso de folclore Manuel Diégues Júnior pelo Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores em 1977. A partir da análise do catálogo e da rede de relações e trajetória profissional de Diégues, o artigo busca compreender a imagem da África contruída no Brasil e como essa imagem se desenvolve no seio das confluências entre os estudos de folclore, étnico-raciais e antropologia.

A seguir, o artigo **“Desaprendendo emoções indesejáveis”: o ciúme nas relações entre não monogâmicos negros**, de Rhuann Fernandes e Claudia Barcellos Rezende, ambos da UERJ, discute o lugar do ciúme no discurso amoroso de pessoas não monogâmicas negras. A partir de entrevistas semiestruturadas com os fundadores de um grupo de Facebook de não monogâmicos negros no Brasil, o ciúme é analisado enquanto uma emoção que evidencia as

negociações e as dinâmicas de interação estabelecidas em torno do arranjo não monogâmico de modo mais amplo, sendo a desnaturalização e a tentativa de “superação” de tal sentimento atitudes que legitimam o próprio arranjo afetivo-sexual em questão e a construção de uma identidade negra.

Retomando o campo do patrimônio cultural, o artigo **Espanha e seus museus pela construção do conhecimento antropológico**, de Renata Montechiare (FLACSO), busca analisar a relação entre a antropologia e a construção de museus no país, tanto no século XIX quanto a partir da primeira metade do século XX. A partir de etnografia e revisão bibliográfica, o artigo busca conhecer as dimensões que a disciplina alcançou em Madri e em Barcelona no período e compreender a suposição local de que os museus antropológicos “não deram certo”, considerando as condições políticas e sociais às quais esteve o país submetido nos períodos da consolidação da disciplina e de seus museus.

A seção segue com o artigo **A elaboração dos discursos em sentenças contra adolescentes (considerados) em conflito com a lei**, de Carla Manguera Gonçalves Machado (UFRJ). O artigo discute a construção dos discursos contidos em sentenças do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJRJ) emitidas, entre os anos de 2012 e 2018, contra adolescentes considerados em conflito com a lei. Centralizado no discurso e na fala de policiais militares, familiares dos adolescentes e juízes como metodologia de análise, a autora analisa o lugar de poder de cada uma dessas narrativas e como atuam como formas de controle social exercidas pelas instituições.

Por fim, o último artigo da seção, **Um centro habitado: casa, mobilidade e mobilização em São Luís (Maranhão)**, de coautoria de Martina Ahlert e Nicole Pinheiro Bezerra, ambas da UFMA, parte de discursos sobre a necessidade de repovoamento do Centro Histórico de São Luís para pensar casa e mobilidade no espaço. A partir de uma pesquisa etnográfica, as autoras argumentam que a aproximação com a vida das e dos moradores do Centro permite compreender a mobilidade associada à casa e os modos de morar e constatar que existem moradores de outros locais considerados parte da comunidade.

Após os artigos livres, segue a seção **Trajetórias e Perspectivas**. A mesma tem como objetivo a publicação de artigos e ensaios que abordem reflexões sobre o fazer antropológico, a partir das experiências e trajetórias de antropólogos brasileiros e estrangeiros, bem como do histórico de constituição e/ou consolidação de áreas ou campos de pesquisa no Brasil e em outros países. Neste número, publicamos, em tradução ao inglês, o artigo **The square against the ballot box: Bolsonaro supporters’ challenge to the Presidential Election in Rio de Janeiro (A praça contra as urnas: o protesto bolsonarista contra a eleição presidencial de 2022 no Rio de Janeiro)**, de Marie-Hélène Sa Vilas Boas, da University of Côte d’Azur, Nice, na França. O artigo, originariamente publicado em francês, analisa a ocupação da praça

Duque de Caxias no Rio de Janeiro após o segundo turno das eleições presidenciais brasileiras de 2022. Esta mobilização reuniu eleitores radicais bolsonaristas e ativistas que apelavam ao exército para desfazer o resultado das eleições e restaurar o presidente derrotado. Segundo a autora, a dualidade desta mobilização permite compreender de forma mais geral uma dimensão central do bolsonarismo, a mobilização das regras da democracia e do Estado de direito para desqualificar os seus fundamentos e procedimentos.

Por fim, o número 56.2 da Antropolítica traz a resenha da coletânea **Cultura y patrimonio nacional. Los estudios de Folklore en la Universidad de Buenos Aires**, organizada pela antropóloga Alicia Martín e publicada pela Editora da Universidad de Buenos Aires (Eudeba) em 2020. Na resenha intitulada **Identidad nacional, patrimonio cultural y enseñanza universitaria: un recorrido por la formación en Folklore**, Josefina Galuchi (UBA) apresenta o objetivo da obra no seu conjunto e os capítulos e autores que a compõem. A partir deles, é possível conhecer a trajetória de criação do curso de Folclore, sua incorporação em 1958 ao curso de Antropologia e sua importância para a política pública patrimonial.

Em relação às capas do número, seguindo a proposta de publicação de dois dossiês, optamos por reproduzir as escolhas dos respectivos organizadores. Em torno ao dossiê “Juventudes, estéticas e políticas ante os desafios do século XXI”, apresentamos uma fotografia de Otávio Raposo, organizador do dossiê, realizada em março de 2018. Trata-se de um mural de Banksy em Nova Iorque que denuncia a prisão de Zehra Dogan, artista e jornalista curda acusada pelo regime turco de “propaganda terrorista” em 2017 devido à sua arte. Como os organizadores explicam, as suas pinturas revelam a violência do governo de Recep Tayyip Erdoğan em relação ao povo curdo. Esta imagem é exemplar de como as intervenções estéticas podem mobilizar a agência política, ilustrando alguns dos debates do presente dossiê.

A imagem que ilustra o segundo dossiê, “Atmosferas e antropologia”, é uma fotografia de Bruno Reinhardt, também organizador do dossiê, realizada em 2011, na montanha Atwea, situada no distrito de Sekyere, região Ashanti de Gana. Atwea é uma “montanha de oração” e recebe peregrinos de todo o país e além para retiros espirituais que podem durar semanas ou meses. Segundo explicam os organizadores, há muitos testemunhos de milagres que aconteceram nesta montanha. Os fiéis sobem Atwea através de uma trilha que dura mais ou menos uma hora e meia. Todos carregam colchões e mantimentos e algumas igrejas carregam cadeiras, púlpitos, geradores e aparelhos elétricos para organizar reavivamentos no topo da montanha. A foto mostra essa infraestrutura já instalada. Os organizadores optaram pela foto pois, segundo eles, ela exemplifica bem o que Gernot Böhme chama de “geradores” de atmosferas (ver introdução ao dossiê). No caso, eles incluem a própria montanha e sua paisagem imponente, aparelhos elétricos, instrumentos musicais, cadeiras de plástico (tema do artigo de Maria José de Abreu), e o púlpito. Essa infraestrutura é vista na foto em modo estático ou “desligado”. Ela ainda aguarda fiéis e pastores para ser ativada e dar vazão a atmosferas de reavivamento, quando o Espírito Santo se manifesta por “sugestões de movimento”.

Para finalizar, lembramos a nossos/as leitores/as que continuamos a receber submissões

de interesse para a área das Ciências Sociais, em especial no campo da Antropologia, em regime de fluxo contínuo, através do site <http://www.revistas.uff.br/index.php/antropolitica>, no qual podem ser encontradas as normas de publicação e outras informações. Mantemos o nosso e-mail (antropoliticauff@gmail.com) para eventual contato. Sugerimos também acompanhar nossas notícias também através do perfil do Facebook, Instagram ([antropoliticauff](#)) e no Twitter ([@RAntropolitica](#)).

Boa leitura!